

Assistência de enfermagem a pacientes com *Transtorno do Espectro Autista*

Nursing care to patients with Autistic Spectrum Disorder

SABRINA APARECIDA SOARES SILVA

Enfermeira graduada – UNIPAM
E-mail: sabrina_soares12@hotmail.com

LARYSSA THEREZA BRAGA LOPES

Enfermeira graduada – UNIPAM
E-mail: lary016@outlook.com

ELISAMA DO NASCIMENTO ALEXANDRINO

Docente – UNIPAM
E-mail: elisamana@unipam.edu.br

DÉBORA CRISTINA DE MELO LIMA

Professora orientadora – UNIPAM
E-mail: deboracml@unipam.edu.br

Resumo: O objetivo foi compreender como os enfermeiros das Unidades de Saúde da Família (USF) prestam assistência ao paciente com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A amostra foi composta por trinta e um enfermeiros vinculados às equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município de Patos de Minas. Aplicou-se um questionário não validado, desenvolvido pelos autores e baseado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Os dados foram compilados no Microsoft Excel 2010 e analisados por estatística descritiva, pelo *Software IBM SPSS Statistics 25® for Windows* (versão 25.0). Os resultados aferiram que 22 (74%) enfermeiros não têm conhecimento para abordar o paciente com TEA. Concluiu-se que a capacitação desses profissionais é necessária para que sejam propostas intervenções de enfermagem que auxiliem no desenvolvimento da criança e no apoio à família no cuidado do portador de TEA.

Palavras-chave: Enfermagem. Transtorno do espectro autista. Saúde da família. Desenvolvimento infantil.

Abstract: This study aims to understand how nurses from Family Health Units (USF) assist patients with Autism Spectrum Disorder (ASD). The sample was composed of thirty-one nurses attached to Family Health Strategy (FHS) teams in Patos de Minas. A non-validated questionnaire, developed by the authors and based on the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, was applied. The data were compiled in Microsoft Excel 2010 program and analyzed using descriptive statistics, using IBM SPSS Statistics 25® software for Windows (version 25.0). The results showed that 22 (74%) nurses do not know to approach a patient with ASD. The conclusion was that the training of these professionals is necessary to propose nursing

interventions that help the child's development and support the family in caring for the person with ASD.

Keywords: Nursing. Autistic Spectrum Disorder. Family health. Child development.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno de desenvolvimento, manifestado tipicamente antes dos três anos de idade e caracterizado por um comprometimento de todo o desenvolvimento psiconeurológico, afetando tanto a comunicação, quanto o convívio social, havendo comprometimento nas áreas de cognição, linguagem e no desenvolvimento motor e social (MAPELLI; BARBIERI; CASTRO; BONELLI; WERNET; DUPAS, 2018).

A manifestação do autismo pode ocorrer de forma bem pessoal entre uma criança e outra, apresentando-se em fases diferente da vida. Assim, alguns estudos já realizados demonstram ser uma síndrome de difícil diagnóstico, o que dificulta a assistência prestada ao paciente portador (SENA; REINALDE; SILVA; SOBREIRA, 2015).

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividade (BORTONE; WINGESTER, 2016).

Segundo a *American Psychiatric Association* (2014), os sintomas devem incluir ausência de medo a perigos reais, relutância à mudança de rotina, aparente insensibilidade à dor, feições faciais inapropriadas como risadas ou choros sem motivação, choro e angústia por razões não discerníveis, obsessão por coisas, utilização das pessoas como se fossem objetos, organização de artigos de maneira excessiva, dificuldade em iniciar e manter interação social, fala rimada, forma de equilíbrio do corpo de maneira inusitada, extrema passividade ou hiperatividade física marcante, coordenação motora fina/grossa desnivelada, comportamento semelhante a surdos, mas com audição intacta, e o não direcionamento do olhar.

Os instrumentos para a triagem se embasam na diferenciação dos sinais dos sintomas como maneira de se determinar o alvo de intervenção e de se monitorarem os sintomas ao longo do acompanhamento. A equipe de enfermagem que presta assistência à saúde nas USF é o primeiro contato, por meio do acolhimento, a esses pacientes. É a porta de entrada, contando então como uma rede complementar de apoio os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (BRASIL, 2014).

Os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), realizados no rastreamento de critérios clínicos iniciais, são os instrumentos de triagem. Os IRDI consistem de um instrumento de observação e inquérito que pode ser usado no rastreamento do desenvolvimento infantil. São compostos por 31 parâmetros de bom desenvolvimento do vínculo do bebê com os pais, distribuídos em quatro faixas etárias

de zero a 18 meses, para observação e perguntas dirigidas à díade mãe-bebê e ou cuidador-bebê (BRASIL, 2013).

Outro meio de rastreamento são os instrumentos adaptados e validados no Brasil, a exemplo do *Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-Chat)*, o qual é de uso livre. O *M-Chat* é um questionário com 23 itens, usado como triagem do TEA. São perguntas feitas para os pais de crianças de 18 a 24 meses, com respostas 'sim' ou 'não', que indicam a presença de comportamentos conhecidos como sinais precoces de TEA (BRASIL, 2014).

Com relação ao tratamento de pessoas autistas, as equipes multidisciplinares devem estar preparadas com conhecimentos e estratégias, que contribuem para uma melhor assistência em compreensão ao diagnóstico. De modo específico, no caso de crianças com sinais sugestivos de TEA, equipes de saúde devem estar preparadas para verificar criteriosamente a linha de base de habilidades da criança, incluindo os perfis de desenvolvimento, cognição, comunicação, sensorialidade, motricidade e comportamento (CAVALCANTE; ALVES; ALMEIDA, 2016).

O profissional de enfermagem necessita de mais conhecimentos teóricos, atualizações e desenvolvimento de trabalhos, para contribuir com o saber e incentivar a realização da educação tanto com o portador, quanto com a família e a sociedade (SENA; REINALDE; SILVA; SOBREIRA, 2015).

Tais profissionais têm papel importante para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, através de observações comportamentais de crianças, mediante a consulta de enfermagem para analisar o crescimento e o desenvolvimento, bem como auxiliar os progenitores, dando apoio e informando-os quanto aos desafios e procedimentos assistenciais que utilizarão no processo de cuidar da criança com autismo (SENA; REINALDE; SILVA; SOBREIRA, 2015).

Portanto, a condução desse estudo norteou-se a partir da seguinte pergunta de pesquisa: qual é o conhecimento dos enfermeiros ativos, na Atenção Primária à Saúde (APS) do município de Patos de Minas, sobre o TEA?

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo compreender como os enfermeiros das USF prestam assistência ao paciente com TEA.

2 METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo descritivo e exploratório de análise quantitativa, realizado nas USF de Patos de Minas, município localizado no interior do estado de Minas Gerais.

A pesquisa descritiva envolve observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os dados coletados para estudo, sem nenhum tipo de interferência do pesquisador. O estudo exploratório visa a proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo, portanto a pesquisa exploratória é realizada sobre um problema ou questão de pesquisa que, geralmente, são assuntos com pouco ou, às vezes, nenhum estudo anterior a seu respeito (GIL, 2008).

O estudo de análise quantitativa nos permite descrever com precisão fenômenos como atitudes, valores e representações, bem como ideologias contidas nos textos analisados, possibilitando referenciar as unidades lexicais nos textos e enumerar

automaticamente suas ocorrências, podendo assim definir os passos de maneira relativamente simples (GIL, 2008).

A pesquisa foi realizada nas 18 USF do município de Patos de Minas, sob responsabilidade da Prefeitura de Patos de Minas (CNPJ: 18.602.011/0001-07; rua Doutor José Olympio de Mello, nº 151, bairro Eldorado). São USF que contam com salas de consultas médicas, de enfermagem e odontológica, salas de vacinação, de triagem, atendendo a população nos vários ciclos da vida.

Destaca-se que as unidades elencadas para a pesquisa possuem seus próprios enfermeiros, vinculados às equipes de saúde, os quais realizam o primeiro contato e acolhimento dos pacientes com TEA.

Os participantes da pesquisa foram os enfermeiros vinculados às ESF do município de Patos de Minas. A amostra foi composta por trinta e um enfermeiros dos quarenta profissionais vinculados às USF. Os critérios de inclusão para a participação foram os enfermeiros efetivos da rede pública, vinculados às ESF do município.

Os critérios de exclusão compreenderam a ausência do profissional no momento da coleta de dados, mesmo após 3 tentativas de contato, e a opção por não participar da pesquisa.

Aplicou-se um questionário composto por tópicos com informações sobre TEA, destacando-se que o instrumento não foi validado e foi desenvolvido pelos autores, baseando-se no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

A coleta de dados foi realizada no mês de maio e junho de 2021, sob a autorização do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM conforme parecer de número 4.731.367.

Foi analisado o conteúdo dos questionários aplicados aos enfermeiros, acerca do TEA. A amostra foi constituída por todos os questionários preenchidos.

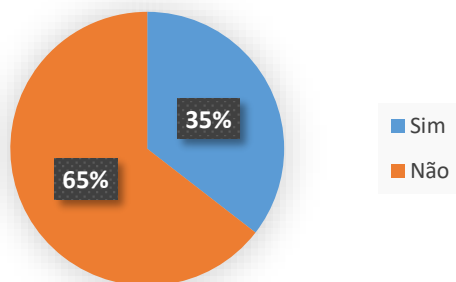
Os dados foram compilados no programa Microsoft Excel 2010 e analisados por meio de estatística descritiva, através do *Software IBM SPSS Statistics 25® for Windows* (versão 25.0). Os resultados foram apresentados em forma de gráficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 40 enfermeiros vinculados às USF, sendo que foram entrevistados 31 profissionais, o que contempla um total de 77,5% da amostra inicial. Após a entrevista, os questionários foram analisados e os dados tabulados e apresentados por meio de gráficos, os quais serão discutidos a seguir.

Conforme o gráfico 1, evidenciou-se que 21 (65%) equipes não possuem pacientes com TEA diagnosticados e 10 (35%) ESF possuem pacientes dignosticados com autismo.

Gráfico 1: Pacientes com diagnóstico de TEA nas ESF de Patos de Minas



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

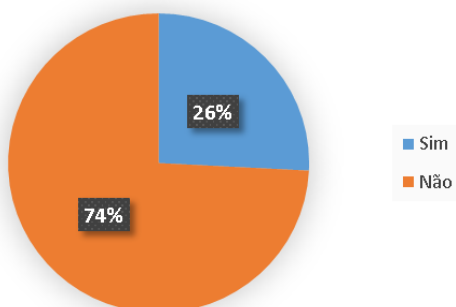
Segundo dados do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) (2012), o autismo está mais presente do que se imagina. Estima-se que os Estados Unidos possuam, na atualidade, um caso de autismo a cada 110 pessoas. Já o Brasil, com uma população de 200 milhões de habitantes, é possível calcular que tenha cerca de 2 milhões de autistas. Em uma equipe de ESF, há aproximadamente 4000 mil pessoas cadastradas; indica-se que cerca de 36% desses pacientes possuam TEA. (BRASIL, 2012). No entanto, os dados levantados nessa pesquisa mostram que esse número se encontra subdiagnosticado nas ESF em questão.

Um estudo realizado por Ferreira e Franzoi (2019) mostrou que o conhecimento de estudantes de enfermagem sobre o assunto é escasso e que há insegurança em prestar assistência à criança com autismo. Durante a graduação, é pouco ministrado o conteúdo aos estudantes, ressaltando a importância do ensino sobre o transtorno para que esses profissionais se sintam seguros na assistência a ser prestada.

Portanto, o conhecimento do profissional da área da saúde acerca do rastreamento de sinais e sintomas, principalmente aqueles que se encontram na porta de entrada da ESF, faz-se necessário durante a consulta de enfermagem, principalmente no que concerne a distinguir, por meio da avaliação da Caderneta de Saúde da Criança (CSC), os sinais que apontam a suspeita pelo diagnóstico (BORTONE, 2019).

O gráfico 2 mostra que 22 (74%) enfermeiros não sabem diferenciar os sinais e sintomas do autismo com os de outros transtornos do desenvolvimento na infância, sendo que apenas 9 (26%) profissionais referem tal discernimento.

Gráfico 2: Conhecimento do profissional de enfermagem acerca dos sinais e sintomas do autismo



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Devido ao TEA ter acometimento na área de desenvolvimento, a escassez e as limitações de estudo dificultam aos profissionais a conclusão de um diagnóstico, pois essa patologia possui vários sinais e sintomas. Ainda nos dias de hoje, o diagnóstico é impreciso. Nem mesmo um exame genético é capaz de afirmar com precisão a incidência da síndrome (SANTOS FILHO; CRUZ; NASCIMENTO; MARINHO; TENÓRIO, 2020).

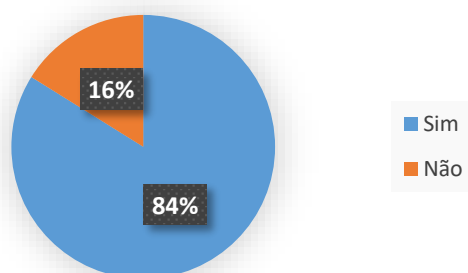
Segundo Silva, Oliveira, Silva, Mendes, Miranda, Melo, Silva, Oliveira, Oliveira e Santos (2020), ainda existe uma carência de informação dos profissionais sobre o autismo, o que dificulta o estabelecimento de estratégias de enfrentamento entre a equipe e a família. Dessa forma, torna-se necessária a qualificação profissional sobre essa temática, facilitando e otimizando a abordagem profissional e familiar do paciente inserido no espectro autista.

Em 2012, foi incluído o caderno n. 33 da Atenção Básica (AB), o qual apresenta parâmetros próprios de avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil e aspectos que se fazem pertinentes ao uso na prática assistencial do profissional enfermeiro para reconhecer os sinais e sintomas do TEA (SANTOS FILHO; CRUZ; NASCIMENTO; MARINHO; TENÓRIO, 2020).

Ainda assim, os serviços não têm sido usados. Devido à falta de capacitação e de divulgação de materiais específicos, não é incentivado o uso de tais instrumentos como facilitadores à detecção precoce do autismo. Portanto, é impossibilitada a avaliação e planejamento das estratégias escolhidas, de maneira a substituir ou adequá-las às necessidades de cada paciente, fornecendo eficiência no auxílio ao diagnóstico juntamente com a equipe multiprofissional (SILVA; OLIVEIRA; SILVA; MENDES; MIRANDA; MELO; SILVA; OLIVEIRA; OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

No gráfico 3 elencou-se que 26 (84%) entrevistados utilizam a triagem de desenvolvimento infantil inclusa na (CSC), em suas consultas de puericultura, 5 (16%) não fazem o uso dela.

Gráfico 3: Utilização da Triagem de Desenvolvimento Infantil, na consulta de puericultura



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

A avaliação do enfermeiro durante a consulta de puericultura tem grande importância para a descoberta do autismo, pois é nesse momento que se realiza a avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil, momento em que o enfermeiro é o principal elo entre a criança, a família e a equipe multidisciplinar. Sendo assim, o conhecimento desse profissional, diante as manifestações clínicas, é fundamental nas

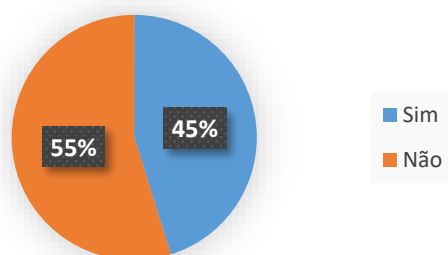
suspeitas que podem levar ao diagnóstico médico e intervenção de enfermagem a esses pacientes (SANTOS FILHO; CRUZ; NASCIMENTO; MARINHO; TENÓRIO, 2020).

Desse modo, a consulta de puericultura faz-se como o momento ideal para levantarem-se alterações no desenvolvimento, tendo em vista que esse profissional suspeita de características que possam levar ao diagnóstico, juntamente a todos os parâmetros de desenvolvimento infantil, que serão discutidos por toda a equipe multiprofissional (SANTOS FILHO; CRUZ; NASCIMENTO; MARINHO; TENÓRIO, 2020).

A equipe de saúde poderá ter essa identificação após 15 meses de idade, o que será considerado diagnóstico precoce. Tendo-se conhecimento dos sinais perceptíveis no desenvolvimento da criança, atenta-se às queixas dos cuidadores e avalia-se o histórico familiar (XAVIER; PEREIRA; SOARES; SOUZA; GLÓRIA; RODRIGUES; MORAIS; CRUZ; RIOS; FREITAS, 2021).

O gráfico 4 revela que aproximadamente 17 (55%) ESF não possuem o apoio do CAPS para a continuidade do tratamento ao pacientes com autismo e 14 (45%) ESF têm tal suporte.

Gráfico 4: Assistência do CAPS junto as ESFs



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

O CAPS apresenta uma assistência especializada e equipada com fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e psicoterapeuta para o atendimento a pessoas com problemas de saúde mental severos e persistentes como o TEA. Ainda como apoio, têm-se os Centros de Especialização de Reabilitação (CER) que também contribuem para o diagnóstico e reabilitação desses pacientes no convívio social. As políticas públicas garantem serviços de apoio especializado para a população com deficiência dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) (ROCHA; SOUZA; COSTA; PORTES, 2019).

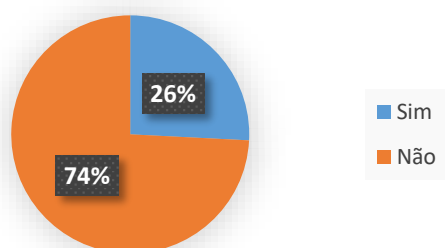
Segundo Santos Filho, Cruz, Nascimento, Marinho, Tenório (2020), os pacientes com maior comprometimento são encaminhados aos CAPS, já os de menor comprometimento são atendidos pelo CER.

As Organizações Não Governamentais (ONGs) fazem parte do terceiro setor da sociedade, instituições privadas, sem fins lucrativos, com a finalidade de complementar os serviços de ordem pública, com trabalhos e projetos produzidos principalmente por voluntários, enquanto as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) são associações que, além de pais, amigos e de toda a comunidade, se unem para prevenir e tratar a deficiência e promover o bem-estar e desenvolvimento da pessoa com deficiência, fazendo-se também como importantes aliados ao acompanhamento e

definição do diagnóstico a essa patologia (PORTOLESE; BORDINI; LOWENTHAL; ZACHI; PAULA, 2017).

O gráfico 5 revela que 22 (74%) enfermeiros não têm conhecimento para abordar o paciente com TEA e 9 (26%) sentem-se capacitados no que concerne à abordagem, à assistência a ser prestada a esses pacientes.

Gráfico 5: Conhecimento acerca da abordagem/ assistência ao paciente com TEA



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

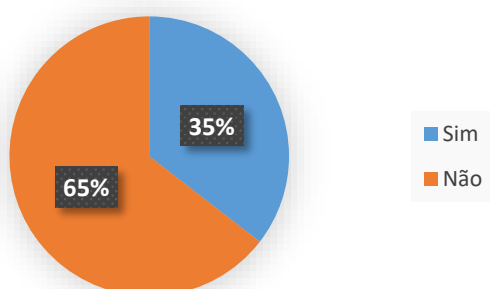
Martins, Vador, Cunha, Barbosa (2021) afirmam que a assistência de crianças com TEA na AB necessita de profissionais de enfermagem capacitados para o acolhimento de crianças autistas e seus familiares, tanto nas consultas de puericultura e de enfermagem, quanto na educação permanente da equipe.

De acordo com aspectos do TEA, como mudanças em âmbito social, distúrbios na comunicação, convívio e condutas, o cuidado de enfermagem deve ser realizado por uma escuta de qualidade, de maneira a compreender a linguagem não verbal expressa pela criança e seus pais (XAVIER; PEREIRA; SOARES; SOUZA; GLÓRIA; RODRIGUES; MORAIS; CRUZ; RIOS; FREITAS, 2021).

Desse modo, o conhecimento faz-se imprescindível a esses profissionais, pois são os mediadores entre a equipe multidisciplinar e a família, o que acarreta uma melhor assistência e tratamento satisfatório a este paciente (SANTOS FILHO; CRUZ; NASCIMENTO; MARINHO; TENÓRIO, 2020).

O gráfico 6 revela que 20 (65%) profissionais não têm segurança em orientar os cuidados e atenção à criança em casa e 11(35%) profissionais já se sentem seguros quanto à orientação oferecida às famílias.

Gráfico 6: Auxílio do profissional de enfermagem a família quanto aos cuidados com a criança autista



Fonte: dados da pesquisa, 2021

É indispensável que o enfermeiro possua um embasamento teórico, para que a assistência de enfermagem seja realizada de forma efetiva, transmitindo segurança e propostas a essas famílias (SOUZA; OLIVEIRA; ALBUQUERQUE; SILVA; ROLIM; FERNANDES; SANTOS; MAGALHÃES; PINHEIRO, 2020).

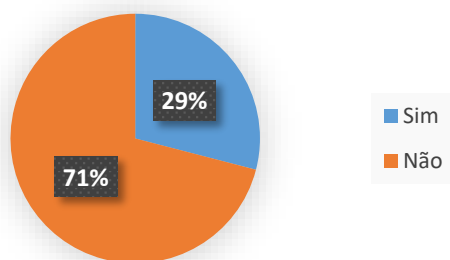
Martins, Vador, Cunha, Barbosa (2021) evidenciaram que, diante de um diagnóstico de autismo, o pai tende a se distanciar da criança, enquanto a mãe se coloca como a principal responsável. Todavia, ressalta-se que todo o cuidado diante dessa criança é essencial, favorecendo a assistência visando à tríade, pai-criança-mãe, bem como enfatizando a comunicação, convívio e condutas. Sendo assim, fazem-se necessárias a capacitação e a qualificação do enfermeiro em acolher essa família.

Salienta-se que o convívio dos familiares com uma criança autista é tarefa árdua e difícil, cansativa e, muitas vezes, dolorosa para toda a família. Após o diagnóstico, a família não sabe como reagir diante da situação, podendo, no primeiro momento, não aceitar o transtorno que a criança tem, o que leva a sentimentos de sofrimento, medo, incapacidade no cuidado e dependência dos pais (SOUZA; OLIVEIRA; ALBUQUERQUE; SILVA; ROLIM; FERNANDES; SANTOS; MAGALHÃES; PINHEIRO, 2020).

O acolhimento e a orientação realizados pelos enfermeiros são fundamentais para que os familiares deixem de lado crenças errôneas e não se desgastem com culpas desnecessárias e sem propósito, por isso cuidar dos familiares, especialmente das mães, é tão importante quanto cuidar das próprias crianças (SOUZA; OLIVEIRA; ALBUQUERQUE; SILVA; ROLIM; FERNANDES; SANTOS; MAGALHÃES; PINHEIRO, 2020).

O gráfico 7 mostra que 22 (71%) profissionais não tem entendimento quanto ao tratamento do autismo, diferentemente dos 9 (29%) que apresentam ter conhecimento.

Gráfico 7: Conhecimento sobre o tratamento do autismo



Fonte: dados da pesquisa, 2021

Estudos evidenciaram que não existe a cura do autismo, todavia os programas terapêuticos intensivos e apropriados apresentam perspectivas e melhoras a esse paciente. Percebe-se a importância da equipe multidisciplinar no plano terapêutico, incluindo o enfermeiro como o mediador (PEREIRA; TAVEIROS; SILVA; SANTOS; GALLOTTI, 2021).

Dessa maneira, o enfermeiro deve estar atento e saber sobre o assunto, pois é uma conquista do TEA a estimulação à comunicação; ajudar a criança e toda sua família,

já que cada avanço é uma conquista para ambos, o que representa uma minimização da sobrecarga da família (PEREIRA; TAVEIROS; SILVA; SANTOS; GALLOTTI, 2021).

O objetivo principal do tratamento é a melhora das habilidades comunicativas e sociais da criança por meio do suporte ao desenvolvimento do aprendizado, sendo que o tratamento deve estar sempre direcionado às necessidades específicas da criança, entre outras como medicações, fisioterapias e terapias do discurso e linguagem mediante a equipe multidisciplinar (PEREIRA; TAVEIROS; SILVA; SANTOS; GALLOTTI, 2021).

Verifica-se, portanto, a importância da capacitação desses profissionais, para que possam propor intervenções de enfermagem capazes de auxiliar o desenvolvimento da criança e o apoio da família no cuidado do portador de TEA.

4 CONCLUSÃO

Constatou-se que grande parte dos enfermeiros não tem conhecimento para abordar o paciente com TEA, apesar dos recursos disponíveis na literatura, o que reflete na insegurança deles em orientar o cuidado a esses pacientes e apoiar seus familiares.

Sugere-se, portanto, como maneira de melhorar a assistência e o conhecimento dos enfermeiros ao portador e suspeito de TEA, treinamentos acerca dos sinais e sintomas, bem como protocolos que possam embasar as consultas de enfermagem tanto aos pacientes que estão sob suspeita, quanto aos que já possuem diagnóstico firmado.

Os profissionais devem ser treinados sobre o uso do instrumento de Triagem de Desenvolvimento Infantil que consta na Caderneta de saúde da criança como ferramenta primordial para embasar as consultas de enfermagem durante a puericultura.

Devem ser capacitados quanto ao uso do caderno n. 33 da AB, pois este apresenta parâmetros próprios de avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil, os quais se fazem pertinentes ao uso na prática assistencial do profissional enfermeiro para reconhecer os sinais e sintomas do TEA.

Portanto, a capacitação desses profissionais é necessária para que possam propor intervenções de enfermagem capazes de auxiliar o desenvolvimento da criança e o apoio da família no cuidado do portador de TEA, contribuindo, então, para uma melhor qualidade de vida e diminuição dos efeitos dos distúrbios neuropsicomotores, o que auxiliará na comunicação e interação social.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5**: transtorno do neurodesenvolvimento: transtorno do espectro autista. Porto Alegre, 2014.

BORTONE, A. R. T. O papel do profissional de enfermagem frente o autismo e o processo de imunização. **Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v. 9, n. 1, p. 1-13, jul./dez. 2019.

BORTONE, A. R. T.; WINGESTER, E. L. C. Identificação do Espectro do Transtorno Autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. **Revista Digital FEPAM**, Pará de Minas, v. 7, n. 7, p. 133-148, dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAVALCANTE, A. S.; ALVES, N. A.; ALMEIDA, A. B. A Assistência do Enfermeiro à Pessoa Portadora de Autismo: uma Revisão Integrativa (RI). **Seminário de Iniciação Científica**, São Paulo, v. 2, p. 1780-1791, 2016.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION CDC. **Prevalence and characteristics of Autism Spectrum Disorder among children aged 8 years — Autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States**. 2012. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/65/ss/ss6503a1.htm>.

FERREIRA, A. C. S.; FRANZOI, M. A. H. Knowledge of nursing students about autistic disorders. **J Nurs UFPE online**, Recife, v. 13, n. 1, p. 51-60, 2019.

GIL, A. H. C. Geografia do cotidiano: uma leitura da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. **Revista eletrônica: ateliê geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 102-11, ago/2008.

MAPELLI, L. D.; BARBIERI, M. C.; CASTRO, G. V. D. Z. B.; BONELLI, M. A.; WERNET, M.; DUPAS, G. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, São Paulo, p. 2-9, abr./set. 2018.

MARTINS, R. A.; VADOR, R. M. F.; CUNHA, F. V.; BARBOSA, F. A. F. Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 12193-12206, maio/jun. 2021.

PEREIRA, J. R. S.; TAVEIROS, M. R.; SILVA, A. L. O.; SANTOS, J. L. B.; GALLOTTI, F. C. M. Autismo: lidando com as dificuldades e perspectivas do cuidado. **Caderno de Graduação Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 33-46, mar. 2021.

PORTOLESE, J.; BORDINI, D.; LOWENTHAL, R.; ZACHI, E. C.; PAULA, C. S. Mapeamento dos serviços que prestam atendimento a pessoas com transtorno do

espectro autista no Brasil, **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 79-91, 2017.

ROCHA, C. C.; SOUZA, S. M. V.; COSTA, F. A.; PORTES, J. R. M. O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil, **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n 4, p 1-20, fev./ago. 2019.

SANTOS FILHO, M. C.; CRUZ, L. E. L.; NASCIMENTO, J. C. F.; MARINHO, J. C. F.; TENÓRIO, A. K. D. C. A importância do profissional enfermeiro no diagnóstico do autismo: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**, Patos de Minas, v. 6, n. 2, p. 235-245, out/2020.

SENA, R. C. F.; REINALDE, E. M.; SILVA, G. W. S.; SOBREIRA, M. V. S. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, jul./set. 2015.

SILVA, C. O.; OLIVEIRA, S. A.; SILVA, W. C.; MENDES, R. C.; MIRANDA, L. S. C.; MELO, K. C.; SILVA, R. A.; OLIVEIRA, T. M. P.; OLIVEIRA, C. J. P.; SANTOS, M. E. J. Benefícios no uso de intervenção precoce em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão integrativa, **Research, Society and Development**, Maranhão, v. 9, n. 7, p 5-11, maio. 2020.

SOUZA, A. P.; OLIVEIRA, B. K. F. O.; ALBUQUERQUE, F. H. D.; SILVA, A. M.; ROLIM, K. M. C.; FERNANDES, H. I. V. M.; SANTOS, M. S. N.; MAGALHÃES, F. J.; PINHEIRO, M. C. D. Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of health Review**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 2874-2886, mar./abr. 2020.

XAVIER, A. J.; PEREIRA, N. S.; SOARES, T. F.; SOUZA, L. R. D.; GLÓRIA; I .N. P.; RODRIGUES, B. A. C. F.; MORAIS, Y. H. .; CRUZ, L. M.; RIOS, I. F.; FREITAS, N. F. Atuação da equipe de enfermagem na assistência a crianças diagnosticadas com autismo. **Revista Científica da FAMINAS**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 135-145, abr/jun. 2021.